

Uma Licenciatura que forma professores ou biólogos? A identificação profissional em um curso de Ciências Biológicas

A course that trains teachers or biologists? Professional identification in a degree course of Biology Licenciature

Ravi Cajú Duré

UFPB - Universidade Federal da Paraíba
raviculture@gmail.com

Maria José Dias de Andrade

UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
maria.dias@UESB.edu.br

Francisco José Pegado Abílio

UFPB - Universidade Federal da Paraíba
chicopegado@yahoo.com.br

Resumo

O presente estudo teve como objetivo analisar indicadores de identificação profissional de licenciados com as áreas de atuação do biólogo, e sua repercussão nas intenções de percursos formativos e profissionais dos alunos egressos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal da Paraíba. Para tanto, realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa entrevistando 11 licenciados egressos do curso, utilizando a análise de conteúdo temático-categorial. Como resultados principais, identificamos que até mesmo o licenciado que conclui o curso de Licenciatura não inicia sua graduação com uma identificação prévia com a área de Educação, a identidade inicial é preponderantemente vinculada ao trabalho técnico e à pesquisa na área de Meio Ambiente e Biodiversidade. Apesar dessa identificação inicial, a experiência em estágios extracurriculares e disciplinas do campo pedagógico conseguem aumentar a aceitação dos licenciados pela atuação docente, o que levou metade dos participantes a finalizar o curso pretendendo atuar na docência.

Palavras chave: atratividade docente, engajamento acadêmico, formação de professores de Biologia, identidade docente.

Abstract

The present study aimed to analyze indicators of the process of professional identification of graduates with the biologist's areas of activity, and its impact on the intentions of training and professional paths of students graduating from the Degree in Biological Sciences at the



Federal University of Paraíba. To this end, we conducted a qualitative research by interviewing 11 graduates from the course, using thematic-category content analysis. As main results, we identified that even the graduate who completes the Licentiate course does not start his graduation with a previous identification with the area of Education, the initial identity is preponderantly linked to technical work and research in the area of Environment and Biodiversity. Despite this initial identification, the experience in extracurricular internships and subjects in the pedagogical field manage to increase the acceptance of graduates for teaching, leading half of the participants to finish the course intending to work in teaching.

Key words: academic engagement, biology teacher training, teaching attractiveness, teaching identity.

Introdução

A Educação é uma área de conhecimento fundamental para o desenvolvimento social e econômico de um país, se fazendo constantemente presente nos discursos públicos sobre as demandas para o avanço da sociedade brasileira. Entretanto, apesar dessa importância atribuída ao trabalho dos educadores, Leite (2004, p.12) chama a atenção para a difícil condição que esse profissional vive, visto que “[...] mal preparado, direcionado para uma carreira de baixo status social, o educador que aí está não dá conta de uma tarefa cuja importância, complexidade e responsabilidade pressupõe um profissional altamente capacitado”. Tal situação tem levado as Licenciaturas a se depararem com elevadas taxas de evasão, impondo aos sistemas de formação profissional o desafio de “[...] atrair, formar e manter bons professores nas escolas brasileiras” (GATTI *et al.*, 2009, p. 9).

No contexto da formação de professores para os cursos de Ciências Biológicas, a tarefa de atrair, manter e formar esses profissionais exige o enfrentamento a dificuldades singulares que colocam em disputa a construção da identidade profissional desses professores em formação. Desde a criação das primeiras Licenciaturas em Ciências Biológicas no Brasil, a concepção de formação que imperou se baseia no entendimento de que os licenciados devem ser preparados para atuar não só na área de Educação, mas também na pesquisa e no trabalho técnico das áreas específicas da Biologia: Meio Ambiente e Biodiversidade, Biotecnologia e Produção, e Saúde (ANTIQUERA, 2018; DURÉ, 2022).

Esse entendimento de uma formação generalista de licenciados vem permeando os cursos de formação de professores desde o currículo das primeiras Licenciaturas em História Natural (década de 1930); se mantendo nos primeiros currículos de Licenciatura em Ciências Biológicas (década de 1960); e sendo reforçado pela lei 6.684/79, que ao regulamentar a profissão do Biólogo estabeleceu que o profissional formado em cursos de Licenciatura possuiriam licença para trabalhar nos mesmos campos de atuação dos Bacharéis em Biologia.

Dessa forma, foi atribuída aos cursos de Licenciatura a responsabilidade de formar profissionais capazes de atuar não apenas como educadores, mas também nas mais de 88 subáreas de atuação do biólogo catalogadas pelo Conselho Federal de Biologia (CFBIO, 2010). Campos de atuação que, em um contexto formativo ideal, exigiriam uma formação que fosse capaz de desenvolver toda a ampla gama de competências necessárias para a atuação nas três grandes áreas das Ciências Biológicas, acrescidas pelas competências da área de Educação.



Associada a essa larga demanda formativa, o baixo status social da profissão docente em comparação à profissão do Biólogo de campo e laboratório vem estruturando uma cultura formativa de supervalorização do trabalho nas áreas específicas e desvalorização do trabalho como professores e educadores do campo biológico. Realidade cultural que tem promovido uma concepção mais conteudista de formação, excessivamente baseada nos saberes disciplinares em detrimento dos outros saberes docentes. Essa situação favorece a manutenção de Licenciaturas que, em várias dimensões de seu currículo formal, real e oculto, conduzem uma formação de professores com pouco aprofundamento didático e precariamente formados nas várias subáreas da Educação (AYRES, 2005; VENTURA, 2015).

Visando o enfrentamento a esses desafios, as diretrizes curriculares para a formação de professores que foram implementadas a partir dos anos 2000 vêm tentando promover um maior direcionamento pedagógico aos cursos de Licenciatura (BRASIL, 2001a, 2002). Os curriculistas criaram diretrizes formativas que visavam estimular um processo de diferenciação entre os cursos de Bacharelado e os de Licenciatura, buscando incentivar a criação de currículos específicos a cada campo de trabalho, com identidade profissional própria (BRASIL, 2001a). Todavia, os estudos da área vêm apontando que essas diretrizes ainda não conseguiram alcançar as mudanças desejadas nos currículos formais e reais, predominando a existência de Licenciaturas que ainda privilegiam uma formação nas áreas específicas de atuação do biólogo, pouco articuladas com o universo educacional-escolar (AYRES, 2005; VENTURA, 2015; SILVA, 2015; DURÉ, 2022).

Essa dificuldade que as Licenciaturas em Ciências Biológicas enfrentam para constituir currículos formais e reais com identidade própria, aponta para a centralidade do processo de identificação e engajamento durante os cursos de formação de professores. De acordo com Danielewicz (2001) e Kaddouri (2009), a identificação profissional ocorre através de processos intersubjetivos que se originam de ideias socialmente difundidas sobre a profissão, mas que podem ser reproduzidas ou ressignificadas a partir da relação entre o graduando e os diversos sujeitos presentes em sua trajetória formativa, bem como, das ideologias e culturas que estruturam as instituições (sobretudo a cultura dos espaços de formação profissional).

Nesse sentido, os cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas constituem espaços decisivos para a identificação profissional dos futuros professores, podendo ressignificar preconceitos relativos ao trabalho docente e ampliar o engajamento acadêmico com a área de Educação, ou atuar como espaços de desconstrução da identificação com a docência, reforçando os vínculos identitários dos alunos com a atuação nas áreas específicas.

Com base nessa problemática, a presente pesquisa teve como objetivo analisar indicadores do processo de identificação profissional de licenciados com as áreas de atuação do biólogo durante o curso, e sua repercussão nas intenções de percursos formativos e profissionais dos alunos egressos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Metodologia

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi utilizada a abordagem qualitativa por se tratar de uma temática que exige do investigador a utilização de técnicas interpretativas que visam enxergar o movimento dos participantes em sua complexidade real, investigando os processos mais subjetivos a partir da percepção dos próprios sujeitos (CRESWELL, 2014).

A pesquisa foi realizada com licenciados egressos do curso presencial diurno de Licenciatura



em Ciências Biológicas da UFPB (Campus João Pessoa), formados no período do Projeto Curricular de 2008. Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas (**Quadro 1**), realizadas com licenciados que foram sorteados no grupo de alunos que concluíram o curso em até 2 anos anteriores ao período em que realizamos as coletas da pesquisa (2021). A análise dos dados foi realizada de acordo com a Análise de Conteúdo Temático-Categorial proposta por Oliveira (2008).

Quadro 1: Perguntas das entrevistas.

Perfil do egresso) gênero, idade, ano de início e conclusão.
1) Por que você escolheu o curso de Biologia? Por que você escolheu a modalidade Licenciatura?
2) Quais disciplinas e/ou professores do curso lhe marcaram positivamente? Por quais motivos essas disciplinas lhe chamaram a atenção?
3) Quais disciplinas e/ou professores do curso lhe marcaram negativamente? Por quais motivos essas disciplinas lhe decepcionaram?
4) Você se vinculou a algum programa, projeto ou estágio extracurricular durante o curso? Se sim, quais? Por que se vinculou e saiu de cada um desses projetos?
5) Qual caminho profissional e formativo você deseja percorrer após a conclusão do curso?

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

As questões possuíam como objetivo resgatar memórias da formação sobre engajamento e identificação dos egressos com as áreas da Biologia, buscando identificar os elementos de engajamento ou desengajamento e as intenções formativas e profissionais que esses egressos apresentaram ao concluir o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Os dados obtidos através das entrevistas foram codificados e analisados seguindo os procedimentos de Análise de Conteúdo Temático-Categorial propostos por Oliveira (2008), desenvolvendo as seguintes etapas: transcrição e leitura flutuante das entrevistas; determinação das unidades de registro e unidades de análise; quantificação das unidades.

Ressaltamos que todos os preceitos éticos, contidos na Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS; 510/2016), foram devidamente seguidos e o trabalho foi aceito pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFPB, sob o CAAE: 15396719.9.0000.5188.

Resultados e Discussão

O estudo foi desenvolvido com 11 licenciados egressos do curso de Licenciatura em C. Biológicas da UFPB. Desse total, 6 são mulheres e 5 homens que concluíram a licenciatura há, em média, 1 ano da data das entrevistas. Os participantes possuem entre 22 e 26 anos de idade, e todos eles vivenciaram o mesmo projeto curricular, não tendo participado de mais do que 6 meses de Ensino Remoto em virtude da Pandemia de SARS-CoV-2.

A escolha do curso: identidade prévia e projeto identitário pretendido

Nas entrevistas foi possível identificar que o aluno de licenciatura inicia o curso com uma certa clareza a respeito das diferenças entre as modalidades Bacharelado e Licenciatura. Para 10 dos 11 egressos entrevistados, ao escolher o curso já estava claro que Licenciatura se diferenciava do Bacharelado por ser mais direcionada ao trabalho docente: “*Eu sabia a diferença, que um era pra ensinar e o outro pra pesquisar, e eu queria pesquisar, mas mesmo assim fui pra Licenciatura por causa da nota*” (**Lic. 9**); “[...] *entendia que na Licenciatura você não podia fazer pesquisa. Licenciatura era professor e bacharel pesquisa*” (**Lic. 1**).



Os entrevistados também deixaram implícito que já saberiam, à época da escolha do curso, que com a Licenciatura também poderiam trabalhar e pesquisar nas outras áreas específicas da Biologia, para além da área de Educação: “[...] *eu pesquisei antes de entrar, a diferença, e me agradou mais a Licenciatura porque a possibilidade de emprego na época eu achei que era bem melhor*” (Lic. 7).

Apesar da percepção equivocada sobre a pesquisa científica estar exclusivamente relacionada ao trabalho do bacharel, foi possível constatar que existe certa clareza sobre a diferença entre as modalidades. A partir disso, buscamos entender melhor os motivos que levaram os recém-egressos a optarem pela modalidade Licenciatura no início da sua jornada (**Quadro 2**).

Quadro 2: Categorização das razões que levaram os licenciados recém-egressos do curso a escolher sua formação inicial na modalidade Licenciatura do curso de Biologia

Escolha pela Biologia	FA	Entrevistados:
Experiência familiar marcante na natureza.	6	Lic. 3, 4, 7, 8, 10, 11
Programas audiovisuais sobre natureza.	4	Lic. 1, 2, 4, 5
Atuação do docente de Biologia da escola.	4	Lic. 1, 2, 9, 10
Apreço ao conteúdo das disciplinas de Ciências e Biologia.	4	Lic. 3, 6, 7, 9
Afeto por animais.	2	Lic. 3, 11
Desejo de se tornar cientista.	1	Lic. 9
Escolha pela Licenciatura	FA	Entrevistados:
Ampliação de mercado de trabalho.	7	Lic. 2, 3, 4, 5, 7, 10, 11
A nota do vestibular não alcançava o Bacharelado.	3	Lic. 1, 8, 9
Gostava de ensinar amigos.	1	Lic. 6
Valorizava a importância social da educação.	1	Lic. 11
Visão positiva de familiar docente.	1	Lic. 3

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Ao analisar as razões apontadas para a escolha de um curso na área de Biologia, identificamos que os principais elementos de identidade relatados estavam mais conectados ao universo da área de Meio Ambiente e Biodiversidade do que às áreas de Biotecnologia, Saúde e Educação. Os relatos indicavam um vínculo identitário estabelecido a partir de experiências familiares em espaços naturais, sobretudo no período da infância, bem como a recorrente influência dos programas audiovisuais sobre a natureza. Nessas situações a representação do biólogo naturalista, que trabalha na área de Meio Ambiente e Biodiversidade, constituía a identidade profissional central dos vínculos estabelecidos.

Assim, a principal imagem detalhada nas entrevistas não remeteu ao biólogo atuando na escola, em laboratórios de Biotecnologia, ou na área de Saúde humana, nos levando a compreender que boa parte dos estudantes da Licenciatura em Ciências Biológicas da UFPB iniciam o curso com uma forte referência identitária-profissional do biólogo de campo, naturalista que atua na área de Meio Ambiente e Biodiversidade.

Em relação a esse ponto é necessário frisar que entrevistamos Licenciados que concluíram o curso, um recorte que, de acordo com o estudo de Duré (2022), retira da análise os muitos casos em que o licenciando escolhe o curso por uma identificação prévia com a área de Saúde, mas migra para cursos nessa área antes da conclusão da referida Licenciatura.

Os vínculos com a biologia escolar também se mostraram presentes nas entrevistas, só que em menor frequência (**Quadro 2**). Com relatos que atribuíam admiração ao trabalho didático de alguns docentes da Educação Básica, e outros relatos que mencionavam um apreço pelo conteúdo escolar da área, indicando que antes de entrar no curso, a maioria dos alunos de Licenciatura não possuem tanta identificação com o ofício docente.

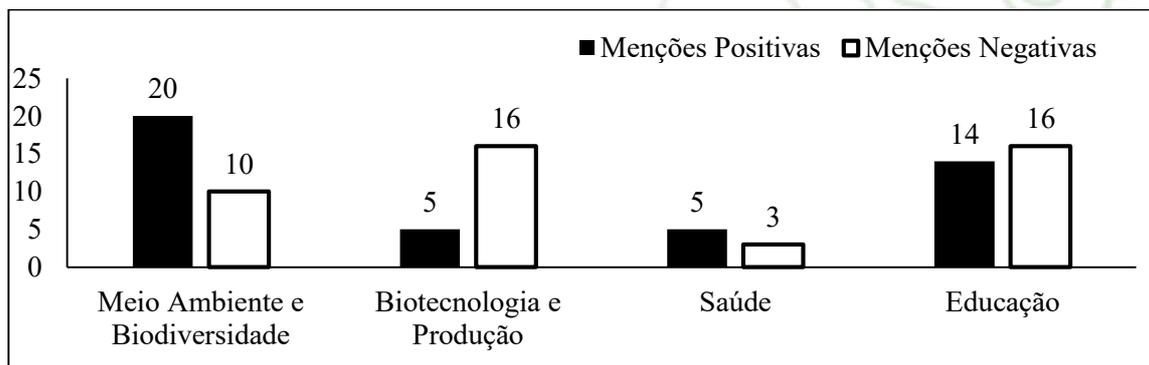
Ao perguntarmos diretamente sobre a escolha pela Licenciatura, os relatos reforçaram a pouca identificação prévia com a área de Educação. Para a maioria dos egressos a escolha pela Licenciatura, e não pelo Bacharelado, se justificou pela ampliação das possibilidades de emprego: “[...] *então, vou ser bem sincera, eu pensei que na Licenciatura eu posso trabalhar na pesquisa e qualquer coisa e também posso ensinar. Eu entrei na Licenciatura, mas não gostava de dar aula*” (Lic. 10); “*Eu nunca entrei querendo ser professora, eu nunca tive na minha cabeça a ideia de que vou ser professora*” (Lic. 8). Respostas que corroboram o resultado encontrado nos estudos de Castro (2010), Brando e Caldeira (2009), Silva (2015), Ventura (2015) e Duré (2022).

Diante desses dados é possível afirmar que boa parte dos licenciados que concluem o curso de Ciências Biológicas da UFPB escolheram a Licenciatura sem ter um projeto identitário pretendido vinculado à área de Educação. A identificação profissional prévia se estabelece majoritariamente com a atuação na área de Meio Ambiente e Biodiversidade.

Engajamento e vínculo identitário com as disciplinas do curso

Para identificar as áreas em que os vínculos identitários foram fortalecidos durante o curso, analisamos as experiências formativas dos recém-formados com relação às disciplinas e professores que tiveram impacto positivo e negativo durante sua graduação (Gráfico 1).

Gráfico 1: Número de citações dos entrevistados com menções positivas e negativas às disciplinas do curso, classificadas de acordo com suas áreas de conhecimento.



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

As disciplinas/professores das áreas de Meio Ambiente e Educação foram as que mais apresentaram menções positivas, demonstrando a existências de um elemento interno de engajamento acadêmico com essas áreas em comparação às de Biotecnologia e Saúde, que apresentaram as menores quantidades de menções positivas espontâneas.

“As disciplinas de Ecologia foram todas maravilhosas, eu gostava das aulas de campo, dos professores, da proposta das aulas que eles traziam. Eu acho muito legal a metodologia que eles trabalham, de ensinar os alunos a fazer um projeto de pesquisa, eles ensinam o que é um projeto, como fazer um projeto, forçam de uma forma legal a leitura em inglês. E eu acho que foram 3 disciplinas excelentes, eu gostei muito”. (Lic. 11)

“A parte de educação direcionada pra biologia, com [Docente de EA e Saúde, Estágio 4, Metodologia de Ensino], eles sim conseguiam mostrar as disciplinas da biologia com viés pra sala de aula, com viés da biologia que

“você conseguia aplicar os métodos dentro da sala de aula”. (Lic. 8)

Na maioria das entrevistas ficou claro que as aulas promoviam o engajamento dos entrevistados quando: eram contextualizadas com temas que esses alunos já tinham interesse antes do curso; estimulavam a reflexão crítica e envolvente no decorrer das aulas; conectavam teorias científicas com realidades observáveis; promoviam um conhecimento aprofundado do conteúdo (com menções positivas à realização de boas aulas expositivas e práticas); e quando os docentes promoviam uma relação harmônica, ética e respeitosa com os alunos.

Em relação à proporção entre relatos negativos e positivos, o grande destaque foi para as disciplinas da área de Biotecnologia que apresentou os professores mais criticados pelos participantes. Mesmo abarcando uma pequena quantidade de disciplinas no curso (16%), a área foi responsável pela maior quantidade de lembranças negativas, e a menor quantidade de memórias positivas (**Gráfico 1**).

As críticas aos professores/disciplinas da área de Biotecnologia se destinaram a aspectos didáticos e relacionais, como: “*Eu não gostei dos conteúdos moleculares, e o fato de vários professores do Departamento agirem de uma maneira desrespeitosa e insensível desestimulou a ter contato com esse campo*” (Lic. 1); “*Química dava uns temas de química orgânica bem densos que você não ia conseguir saber, isso no primeiro período!*” (Lic. 2); “[...] *Bioquímica metabólica que foi muito mal dada, tudo que eu aprendi foi basicamente o que eu estudei nos livros por conta própria.*” (Lic. 11); “[...] *teve um professor de física que menosprezou a gente por ser da licenciatura e isso me marcou muito.*” (Lic. 8).

O processo identificação tem em seu cerne tanto a afirmação do que “somos” ou “queremos ser”, quanto a afirmação do que “não somos” ou “não queremos ser”. Tal entendimento caracteriza a identificação profissional como um processo tão influenciado por aproximação a percepções positivas, quanto por afastamento a percepções negativas. Aprender e se sentir bem com disciplinas de determinada área do conhecimento exerce tanto impacto engajador quanto não aprender e se sentir mal com professores e disciplinas de outras áreas. Nesse sentido, o desejo de se tornar professor pode ser fortalecido pela repulsa à possibilidade de se tornar geneticista; o desejo de se tornar zoólogo pode ser fortalecido pelo afastamento da ideia de se tornar botânico (DANIELEWICZ, 2001).

Assim, as respostas demonstraram a existência de uma tendência de desengajamento com a área de Biotecnologia e Produção, e uma relação de aproximação com a área de Meio Ambiente. As disciplinas da área de Educação, por sua vez, apresentaram uma quantidade elevada de menções positivas e negativas, produzindo um resultado ambíguo no que tange a esses indicadores de envolvimento e identificação. As disciplinas da área de Saúde apresentaram poucas menções positivas e negativas, fato possivelmente relacionado ao pequeno espaço que ocupam na matriz curricular do curso: 5 disciplinas (9%).

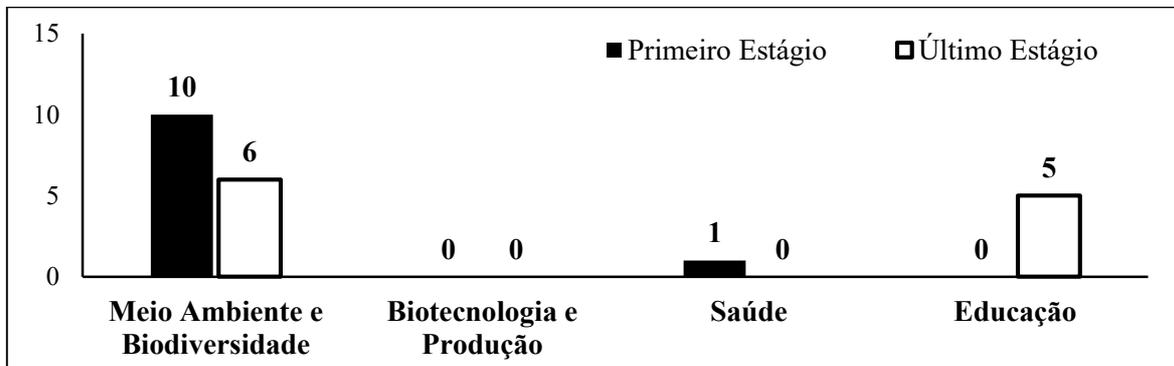
Os estágios extracurriculares como indicadores de identificação

Os estágios extracurriculares configuram uma expressão autônoma de como esse aluno vai se identificando profissionalmente durante seu percurso formativo. Constitui relação direta com o projeto de identidade pretendido e pode indicar as áreas em que o curso vai promovendo o engajamento dos estudantes (BRANDO; CALDEIRA, 2009) (**Gráfico 1**).

Em nosso estudo, a motivação principal que levou os participantes à escolha do primeiro estágio extracurricular se relacionou à identidade prévia, conduzindo quase todos os participantes a se envolver com algum estágio na área que motivou sua escolha pelo curso,

área de Meio Ambiente: “[...] eu entrei porque gostava da ideia de estudar mamíferos, porque são fofos e eu sempre quis trabalhar” (Lic. 1); “[...] Eu entrei no estágio porque já criava escorpião em casa, adorava esses bichos” (Lic. 3); “[...] fui atrás da entomologia porque sempre gostei de abelhas, e aí eu busquei a oportunidade” (Lic. 5).

Gráfico 2: Mudanças nas áreas dos estágios extracurriculares dos licenciados egressos da Licenciatura em Ciências Biológicas da UFPB. Registros da área do primeiro e do último estágio extracurricular.



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Em outros casos, o desempenho dos professores nos primeiros períodos foram os aspectos mais determinantes para esse primeiro movimento de engajamento extracurricular: “*Entre no laboratório porque foi a disciplina que eu mais gostava na época, gostei de algas porque tinha muitas práticas, as outras eram muito teóricas e essa eu gostei*” (Lic. 9).

Dessa forma, mesmo estando matriculados em um curso de formação de professores, nenhum dos 11 participantes da pesquisa teve seu primeiro estágio extracurricular na área de Educação. Resultado que pode ser entendido pela falta de identificação prévia com a área somada à organização da matriz curricular do curso em análise que, no primeiro ano da graduação, apresenta aos licenciandos apenas uma única disciplina diretamente vinculada à área de Educação. Os demais componentes curriculares desses primeiros dois períodos se agrupam nas áreas de Biotecnologia (05), Meio Ambiente e Biodiversidade (04), Saúde (01), e quatro disciplinas sem área específica.

A área de Biotecnologia, mesmo com a maioria das disciplinas do primeiro ano de curso, também não foi procurada por nenhum participante do estudo, reforçando a compressão de que as experiências negativas vivenciadas durante as primeiras disciplinas possuem um forte impacto no desestímulo à identificação do estudante com a área (Gráfico 1).

Tais resultados lançam um alerta sobre a distribuição das disciplinas na matriz curricular dos cursos de formação de professores, visto que pouca representatividade da área de Educação nos primeiros anos do curso pode desestimular o licenciando a se envolver com universo educacional-escolar, dificultando uma mudança na autopercepção identitária desse aluno nos períodos mais avançados.

Alguns alunos evidenciaram que o engajamento, em pesquisas laboratoriais na própria universidade, logo no início do curso, foi uma forma de identificação com esse tipo de atividade e, assim, deixaram de priorizar atividades de ensino necessárias à profissão docente (BRANDO; CALDEIRA, 2009, p. 171).

Mesmo com a forte influência desses primeiros movimentos de engajamento, no decorrer do



curso muitos licenciados mudaram sua área de estágio extracurricular, migrando da área de Biodiversidade para a área de Educação (**Gráfico 2**).

Ao observar com mais detalhes o que motivou essas mudanças identificamos que para a maioria dos entrevistados (sete egressos), o motivo mais comum para a entrada em um estágio de outra área foi a disponibilidade de bolsa de estudos. Evidência que reforça a importância da expansão dos programas extracurriculares de formação para a docência como estratégias institucionais capazes de atrair e potencializar o engajamento dos alunos com a área de Educação.

Quando o aluno opta por sair do estágio, as principais motivações relatadas são oriundas de problemas na relação pessoal e pedagógica com o orientador. Por se tratar de um espaço menos formal de relação didática, e pela maioria dos formadores não terem uma formação pedagógica voltada para o trabalho de orientação, as relações pessoais e educacionais tendem a se misturar no espaço do estágio. Tal condição torna os estágios extracurriculares um local de relações delicadas e potencialmente conflituosas que podem frustrar as expectativas iniciais dos alunos.

Essas análises reforçam a necessidade de uma maior ampliação dos programas de pesquisa e formação docente extracurricular, visto que constituem importantes núcleos de engajamento acadêmico e identificação com a área de Educação. Além disso, é necessário que se promova um debate pedagógico a respeito do trabalho e da responsabilidade formativa dos orientados nos estágios extracurriculares dos cursos de Ciências Biológicas.

Intenções formativo-profissionais pós-curso: a identificação que o curso promove

Ao final das entrevistas perguntamos sobre o desejo de percurso profissional e formativo que eles possuíam ao concluir sua Licenciatura. Com isso, foi possível observar os projetos identitários que o curso promoveu a partir das experiências formativas vivenciadas na Licenciatura em Ciências Biológicas da UFPB (**Quadro 4**).

Quadro 4: Intenções formativo-profissionais dos recém-egressos ao final do curso, e a realidade formativa e profissional atual.

	Intenção profissional	Intenção formativa	Realidade atual
Lic. 1	Docência na Ed. Básica	Mestrado Ecologia	Mestrado Ecologia
Lic. 2	Docência na Ed. Básica	Mestrado Zoologia	Docência na Ed. Básica Mestrado em Zoologia
Lic. 3	-	Mestrado Zoologia	Atuando em outra área
Lic. 4	Docência na Ed. Básica	Especialização em Análises Clínicas	Atuando em outra área
Lic. 5	Docência na Ed. Básica	Mestrado Zoologia	Atuando em outra área
Lic. 6	Docência na Ed. Básica Analista Ambiental	-	Atuando em outra área
Lic. 7	Docência na Ed. Superior	Mestrado Biotecnologia	Mestrado Biotecnologia
Lic. 8	Docência na Ed. Básica	Mestrado Zoologia	Mestrado Zoologia
Lic. 9	-	Mestrado Botânica	Atuando em outra área
Lic. 10	-	Mestrado Bio. Marinha	Mestrado Bio. Marinha
Lic. 11	Atuação em outra área	-	Atuando em outra área

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

De maneira geral, ao finalizar o curso os egressos entrevistados apresentaram a intenção de atuar na educação básica e realizar mestrados na área de Meio Ambiente. Resultado que demonstra a manutenção do projeto identitário pretendido ao iniciar o curso, com uma

identidade profissional que mescla um envolvimento mais pragmático com a atuação docente, e um vínculo mais profundo com a área de Meio Ambiente e Biodiversidade (**Quadro 4**).

Também é possível perceber que apesar de terem mantido sua identificação prévia com a área de Meio Ambiente, não conseguiram vislumbrar espaços de atuação técnica na área, apenas a continuação acadêmica no mestrado. Realidade que, com exceção do Lic. 6, fez os demais licenciados enxergarem a educação básica como uma das únicas possibilidades de atuação profissional ao final do curso.

Apesar de manterem, durante toda a formação, uma identificação mais conectada com a área de Meio Ambiente, foi possível perceber que o curso promoveu uma abertura para a ideia de se tornar professor que não estava tão presente no projeto identitário inicialmente apresentado pelos licenciados entrevistados na pesquisa. Entretanto, Brando e Caldeira (2009), e Ventura (2015), alertam para a precariedade dessa identificação, argumentando que a aceitação da docência ocorre apenas como uma ocupação provisória.

Ao analisarmos as realidades profissionais e formativas atuais, merece destaque a grande quantidade de participantes que, até o momento, não conseguiram entrar no mercado de trabalho das quatro grandes áreas da Biologia, ou em algum percurso formativo da área. Ao todo, seis participantes não estão atuando no campo das Ciências Biológicas, dado que nos alerta sobre a redução do mercado de trabalho dos biólogos de todas as quatro áreas.

Conclusões

Como forma de compreender a construção da identidade docente em um curso de formação de professores, a presente pesquisa investigou indicadores do processo de engajamento acadêmico com as quatro áreas das Ciências Biológicas, e a sua repercussão nas trajetórias formativo-profissionais pretendidas por egressos da Licenciatura em C. Biológicas da UFPB.

A nossa pesquisa evidenciou que até mesmo os estudantes de um curso de Licenciatura em Biologia, que chegam a concluir o curso, não iniciam a graduação com uma forte intenção de atuar na docência ou realizar pesquisas na área de Educação. Para a maioria dos entrevistados, o projeto identitário inicial se destinava à atuação profissional na área de Meio Ambiente e Biodiversidade. A entrada em um curso de Licenciatura se deu mais por uma suposta ampliação do mercado de trabalho do que por uma identificação profissional com a área. Resultado que corrobora outros estudos similares (BRANDO; CALDEIRA, 2009; CASTRO, 2010; VENTURA, 2015; DURÉ, 2022).

Essa falta de identificação inicial, somada à pouca quantidade de disciplinas pedagógicas no primeiro ano do curso, repercutiu na ausência de envolvimento com a área de Educação nas primeiras escolhas por estágios extracurriculares. Quase todos os licenciados investigados mantiveram seu vínculo identitário prévio com a área de Meio Ambiente e realizaram o primeiro estágio extracurricular nessa área. Porém, no decorrer do curso metade dos entrevistados mudaram de área, finalizando o curso vinculados em estágios extracurriculares da área de Educação por duas razões principais: a disponibilidade de bolsas de estudo em programas de pesquisa educacional e iniciação à docência, e as boas experiências didáticas e relações pessoais com professores da área de Educação.

A aproximação com o campo pedagógico também foi observada nas questões sobre memórias positivas das disciplinas/professores do curso, nas quais, a área de Educação atingiu a segunda maior quantidade de menções positivas, sendo superada apenas pelas menções positivas às



disciplinas da área de Meio Ambiente.

Em nosso entendimento, essa relação positiva com os professores da área de Educação somada à boa experiência nos estágios extracurriculares repercutiram no aumento da identificação com a profissão docente, levando mais da metade dos participantes da pesquisa a informar que, ao final do curso, tinham intenção atuar como docente na educação básica, pretensão que não apresentavam no início da trajetória formativa. Resultados que divergem dos identificados nos estudos de Brando e Caldeira (2009), e Ventura (2015), demonstrando a ocorrência de mudanças no projeto identitário prévio e consequente aproximação parcial dos alunos de Licenciatura com o campo pedagógico.

Entretanto, apesar de ter sido possível observar esses indicadores de identificação com a docência, ao final do curso, nenhum dos 11 participantes demonstrou a intenção de iniciar pós-graduações na área de Educação ou Ensino. Dados que corroboram o estudo de Brando e Caldeira (2009), Castro (2010) e Ventura (2015), apontando para a invisibilidade da pesquisa educacional até mesmo na percepção de alunos concluintes de uma Licenciatura.

Esses resultados indicam que o campo da formação de professores deve enfrentar, de maneira prioritária, o desafio de conquistar o projeto identitário dos estudantes para potencializar o engajamento com o campo formativo da educação. Nas condições atuais, os cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas lidam alunos que vivenciam todo o curso sem despertar o desejo de se aperfeiçoar no eixo central de suas formações profissionais: a educação (CASTRO, 2010; BRANDO; CALDEIRA, 2009; SILVA, 2015; VENTURA, 2015).

Gatti et al. (2009) alertam que, desde sua vida escolar, o jovem é desestimulado a enxergar a docência como uma boa profissão. Observam, cotidianamente, as más condições de trabalho, ouve de seus professores relatos de salários pouco atraentes e de jornadas exaustivas, e assim vão constituindo suas representações sobre os problemas do trabalho docente. O mesmo discurso é reforçado pela sociedade e pelas obras cinematográficas e literárias que costumam retratar o trabalho docente como uma atividade difícil, perigosa, tediosa e mal remunerada. Dessa forma, mesmo que percebam a docência como um trabalho importante e sintam alguma identificação, tendem a desconsiderar o trabalho como professores diante dos desafios que são recorrentemente apresentados.

Na nossa visão, é importante reconhecer que ao concentrar o debate público e a produção cultural na denúncia constante dos problemas educacionais, conquista-se importantes avanços profissionais, entretanto, também se constrói, como um efeito colateral, uma percepção coletiva negativa sobre o trabalho docente. Essa desvalorização é transmitida aos licenciandos que acabam compondo seus saberes docentes da experiência pré-profissional com base em um sentimento ambíguo que, até mesmo para os estudantes que iniciam um curso de Licenciatura, pode resultar em um engajamento indiferente com a formação pedagógica, levando à secundarização da profissão em sua jornada profissionalizante.

Conclusões que reforcem a urgência da promoção e valorização do trabalho docente e da pesquisa educacional desde os primeiros períodos dos cursos, bem como a adoção da Didática das Ciências como núcleo articulador do currículo das Licenciaturas em Ciências Biológicas, conectando os saberes docentes no decorrer da formação dos biólogos educadores.

Referências

ANTIQUERA, L. M. O. R. Biólogo ou professor de Biologia? A formação de licenciados em Ciências Biológicas no Brasil. **Revista Docência no Ensino Superior**, v.8, n.2, 2018.



- AYRES, A. C. M. **Tensão entre Matrizes**: um estudo a partir do curso de Ciências Biológicas da Faculdade de Formação de Professores/UERJ. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, 2005.
- BRANDO, F. R.; CALDEIRA, A. M. A. Investigação sobre a identidade profissional em alunos de Licenciatura em Ciências Biológicas. **Ciência e Educação**, v.15, n.1, 2009.
- BRASIL. Parecer CNE/CP n. 9, de 08-05-2001. **Diretrizes Curriculares Nacionais para formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de Licenciatura, de graduação plena**. Brasília, 2001a.
- BRASIL. Parecer CNE/CEP nº 1301 de 01-11-2001. **Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Ciências Biológicas**. Brasília, 2001b.
- BRASIL. Resolução CNE/CP nº 1 de 18-02-2002. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de Licenciatura, de graduação plena**. Brasília, 2002.
- CASTRO, S. M. V. **Biólogos, da universidade ao mercado de trabalho**: um estudo entre estudantes e egressos do curso de Licenciatura em Biologia. Tese (Doutorado em Educação), Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2010.
- CFBIO. Conselho Federal de Biologia. Resolução nº 227/2010. **Dispõe sobre a regulamentação das Atividades Profissionais e as Áreas de Atuação do Biólogo**, em Meio Ambiente e Biodiversidade, Saúde e, Biotecnologia e Produção, para efeito de fiscalização do exercício profissional. 2010.
- CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.
- DURÉ, R. C. **Formação, currículo e identificação profissional**: um estudo de caso no curso de licenciatura em ciências biológicas da UFPB. Tese (Doutorado em Educação), Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2022.
- GATTI, B. A.; TARTUCE, G. L. B. P.; NUNES, M. M. R.; ALMEIDA, P. C. A. **Atratividade da carreira docente no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2009.
- KADDOURI, M. Dinâmicas identitárias e relações com a formação. In: BRITO, V. L. F. A. **Professores**: identidade, profissionalização e formação. Belo Horizonte: Argumentum, p. 23-45, 2009.
- LEITE, M. A. **Formação docente**: Ciências e Biologia: estudo de caso. 1. ed. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- OLIVEIRA, D. C. Análise de Conteúdo Temático-Categorial: uma proposta de sistematização. **Revista de Enfermagem da UERJ**, v.16, n. 4. 2008.
- SILVA, J. R. F. Documentos legais para a formação profissional: é possível fazer emergir o professor de Ciências e Biologia? **Revista de Ensino de Biologia da SBENBio**, v. 8, n.1, 2015.
- VENTURA, R. C. **Trajetórias profissionais de egressos do curso de graduação em Ciências Biológicas da UFRJ**: Um estudo sobre (não)atratividade da docência. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2015.